

# PIM DA M PUM



SUPLEMENTO  
INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

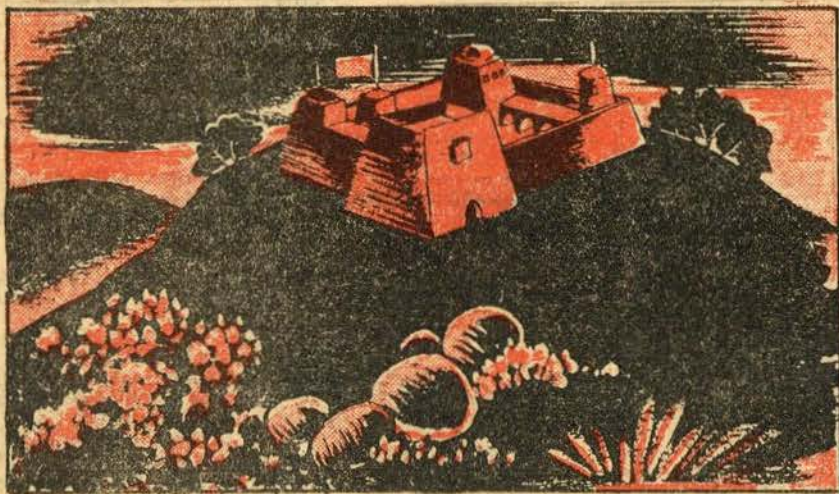
Direcção de AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XV

LISBOA, 7 DE MARÇO DE 1940

N.º 736

## UMA VIAGEM MOVIMENTADA



**E**M 1892 comandava eu uma companhia da Legião Estrangeira, destacada na alta região do Toquim. Esta companhia fornecia numerosos destacamentos para os postos avançados que dominavam os desfiladeiros mais importantes da montanha.

Eu estava admiravelmente instalado num posto central, chamado That-Khé, antiga cidadela anamita. Era daí que eu irradiava para visitar os destacamentos em questão.

Ocupava um deles um ponto denominado Yen-Lac, na origem do Song-Bac-Giang, ribeiro rápido e impetuoso, cujas águas corriam de cascata em cascata.

De Yen-Lac a That-Khé pode-se ir por terra ou pelo ribeiro. O primeiro caminho não tem perigo, mas exige uma marcha de seis dias através da floresta virgem, por atalhos apenas traçados e, por isso, pouco praticáveis. Pelo ribeiro, ao contrário, pode-se descer em poucas horas. Somente o trajecto é extremamente perigoso. A passagem das cataratas efectua-se na única embarcação que pode arriscar-se a isso: uma jangada formada de bambús bem ligados.

Ora, uma vez, tendo muita pressa em chegar a That-Khé, escolhi este último meio, a-pesar de ser tão arriscado. A jangada que devia transportar-me, foi construída à minha vista, por um indígena que o «ly-thuong» (chefe da aldeia) me indicou como um operário dos mais hábeis no género. Indicou-me, também, para me conduzir, um barqueiro aposentado. Este último chamava-se Phuc-Dann.

Confesso que fiquei bastante surpreendido ao encontrar, na ocasião da partida, já instalados no fraco bote, a senhora Phuc-Dann, Ti-Ba de seu nome de baptismo, e o filho que dava pelo nome delicioso de Po-Po.

O homem, a quem confiara a minha vida, era alto, atlético, o que é raro encontrar-se nos anamitas; mas este era mais da raça «muong», vindo da montanha, e muito mais forte. O rosto era chato, mas com uma expressão simpática. A mulher, também robusta e muito forte, estava acorçada diante duma marmitta onde o «tiou-tiou» (arroz) cozia num lume de bambú seco, separado do chão da jangada por uma camada de grede. Nada de mais primitivo. Em todo o trajecto não deixou esta posição. Parecia ali pregada. O garoto, com um ar vivo, estava agarrado a um dos pés nus dessa mulher, por um cipó, cujo comprimento só lhe permitia ir até à borda do barco, mas bastante curto para lhe inibir todo o contacto pessoal com a onda, porque, inquieto e endiabrado como era, cairia infalivelmente à água, sem esta precaução.

Após a nossa partida, o calor tornou-se quasi asfíxiante. Phuc-Dann e a esposa, que tinham os tróncos nus e levavam apenas um «cal-quan» (calças muito curtas), não pareciam muito incomodados. Quanto ao filho, contentava-se, por única vestimenta, com um ralo de sol que o não molestava; a mim, pelo contrário, atravessando o meu uniforme de kaqui, punha penetrantes queimaduras na minha epiderme, menos refractária, sem dúvida, do que a destes três entes.

A navegação na jangada, através das cataratas, é extremamente delicada. Trata-se de dirigir o barco com o auxílio dum comprido croque e, no ponto em que a água está mais calma, dar um bom impulso à jangada, fazendo-a recair, em perfeito equilíbrio na cascata inferior. É quasi jogar-se cara ou coroa. Se se cai de frente, vai tudo muito bem. Se se cai de lado é a morte. O «ly-thuong» afirmou-me que, com o hábil piloto a quem confiara a minha vida, eu cairia sempre de frente. Com efeito, foi isso o que aconteceu. Mas, se escapel ao perigo, que se renovava a cada passagem de cascata, atravessava um outro que me causou uma das emoções mais fortes que eu tenho experimentado no decurso da minha vida de aventuras, tão fértil, contudo, em incidentes dramáticos.

Para se conseguir as melhores condições de equilíbrio, eu estava sentado no meio da jangada, sobre a minha cantina, com as pernas e os braços cruzados, e impedido de fazer o menor movimento, com medo de ocasionar uma catástrofe.

Nós tínhamos, então, como acabo de dizer, atravessado a zona das cascatas, sem acidentes. Navegávamos agora em planície, conduzidos velozmente pela corrente. Os «lys» (medida de comprimento, quasi igual ao quilómetro) sucediam-se aos «lys». Era cerca de meio-

(Continua na página 4)

# NO REINO DOS BICHOS

## DESENHOS PARA COLORIR



### Quem tudo quiere...

O burro do «Zé» Moleiro era o burro mais pacato que havia na redondeza. Nunca fôra desordeiro; nem coices sabia dar; passava todo o seu tempo para o dono a trabalhar.

Um asno com tais favores era mesmo uma riqueza que dinheiro algum pagava! Mas o seu o dono e senhor, que era um nadinha tinoco, inda achava muito pouco o lucro que o pobre dava.

E eis lhe resolve tirar as poucas horas que tinha para poder descansar. Então, o burro, coitado, começou o emmagrecer, que o trabalho era a matar!

Um vizinho, apiedado, diz-lhe assim: — «Tenha cuidado; se o amigo não dá descanso ao seu burrinho, tão manso, bem pouco pode viver!»

E foi o que sucedeu. Por andar tão maltratado, o jumentinho, coitado, em pouco tempo morreu.

Porque a Prudência na Vida às vezes não é seguida, sucede que o avarento por um real, perde um cento!

Por  
**FELIZ VENTURA**



### ESTORNINHO

Outra ave espera que a caixa dos lápis de cor a vá tornar linda. O estorninho lustroso, pás-



saro interessante, deve ser pintado da seguinte forma:

Cauda, (2) carmezim e azul (5). Corpo, verde (3), com melas-luas e umas pequenas manchas encarnadas (2).

Ao n.º 5, corresponde a cor azulada.

Há uma variedade de estorninhos que é o terror dos nossos lavradores, pelo grande número de azeitonas que debica e estraga.

Ave de arribação, poisa, agora, num tronco, que deverá ter a cor castanha (1).

### H I E N A

Um amigo nosso, que se afastara duma povoação de

negros, viu-se rodeado por como o chacal, segue o leão, uma infinidade de animais para comer os restos de carne que tomou por cães.

A princípio, não ligou importância.

Mas, depois, ao vê-los arringahar as fauces e procurar atirar-se-lhe à nuca, não teve outro remédio senão disparar a pistola, de que ia munido e fugir, sem olhar para trás.

Eram bienas.

Esse animal tem um aspecto feiíssimo, castanho escuro, de manchas brancas nos quartos trazeiros. Dos lados do focinho manhoso, têm uns pelos brancos que se- lhe a nuca, não teve outro remédio senão disparar a pistola, de que ia munido e fugir, sem olhar para trás.

Só ataca, cobardemente e,

para comer os restos de carne morta que o rei da selva rejelta.

A' semelhança do corcodilo, este bicho tão antipático cho-



ra, como uma criança, para atrair a presa.

Pintem, de verde e castanho, o chão.

### T U C A N O



Também no interior do Brasil, vive este pássaro, portador de um bico de dimensões respeitáveis.

Predomina a cor castanha (1). Bico, em parte, encarnado (2), cor que se vê na cauda, em torno dos olhos e patas. Pescoço e uma mancha na asa (3), verdes.

Outra malha, desta vez amarela (4).

Dedos azulados (5), poisa sobre um tronco castanho.

Folhagem verde.

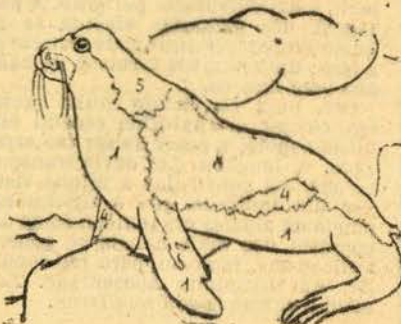
### F O C A

Este bicharoco, muito útil por sinal, pertence à família dos palmípedes, aproximando-se os seus membros anteriores das barbatanas dos

peixes cetáceos. Verdadeira providência dos esquimós, a foca dá-lhes o óleo com que se illumi-

nam, o azeite para temperar a comida, a carne destinada à alimentação, os ossos que entram na construção das tendas, as peles que constituem o seu comércio.

Predomina na foca a cor castanha (1). Duas ligeiras manchas: amarela (2) e azul (5) e eis o bicharoco pronto a figurar na coleção.



# TRISTE FIM DA COBRA

## GULOSA E MENTIROSA

Um caso misterioso apon-  
quentava os habitantes  
de certa capoeira. Todos  
os dias as galinhas pun-  
ham ovos, pois gostavam de  
cumprir sem falta os seus deve-  
res e todos os dias os ovos desa-  
pareciam sem se saber quem os  
levava. Depois de barafusta-  
ram muito entre si, queixa-  
ram-se ao galo que lhes falou  
assim:

—Minhas meninas, vamos  
estudar a maneira de apanhar  
o ladrão dos vossos ovinhos.  
E Mestre galo, muito emperti-  
gado, decidiu assim: A melhor  
forma é esta: ao escurecer  
uma de vocês canta, como se  
tivesse posto ovo. Depois, so-  
bem todas para o vosso polei-  
ro, visto que são horas de  
dormir. Eu fico escondido a  
espreitar e veremos o que  
acontece.

Assim fizeram. A galinha  
encarregada de cantar, fê-lo  
com tal entusiasmo que, mes-  
mo que o ladrão estivesse  
longe, com certeza ouviria.

Passou-se algum tempo e  
na capoeira não acontecia na-  
da. De repente, Mestre galo  
olhando o canto mais escuro,

Tentou defender-se, porém  
nada conseguiu, pois o senhor  
galo era forte e valente, de  
forma que, em pouco tempo,  
a cobra parecia um trape, es-  
tendida no chão, mal se po-  
dendo mexer.

Todas as galinhas vieram,  
então, uma por uma, dar-lhe  
bicadas e cacarejar com indi-  
gnação:

—«Os meus ovos, os meus  
ovos, dá cá os meus ricos  
ovos!»

Até uma franginha, que  
nunca tinha posto nenhum,  
levantou a voz esganiçada:

—«Onde estão os meus ricos  
ovos?» O que fez rir todas as

agradecimentos e desculpas, a  
custo foi-se embora.

Passaram muitos dias... Nada  
já aponquentava as galinhas  
que, preocupadas com novas  
ninhadas de pintos, começa-  
vam a esquecer-se da história  
da cobra.

Ora, uma noite, um pintain-  
ho acordou a mamã galinha  
porque tinha sede. Esta, quan-  
do foi ao quintal buscar um  
pires com água, deparou  
a cobra, que fez logo o possi-  
vel por não ser vista.

A senhora galinha ficou tão  
indignada que até largou o  
pires e, em altos gritos, cha-  
mou os seus companheiros da

sabiam dos roubos da cobra,  
caíram-lhe em cima e envol-  
veram-na de tal maneira nas  
suas teias, que ela, não po-  
dendo respirar nem mexer-se,  
em pouco tempo morreu.

Então o Galo fez uma cova,  
meteu lá a cobra com o pau  
e as teias de aranha, tapou-a  
muito bem com terra, e em  
cima colocou o seguinte le-  
treiro, escrito com uma pena  
emprestada por uma galinha:

AQUI ESTÁ ENTERRADA  
UMA COBRA GULOSA E  
MENTIROSA

Claro que qualquer cobra  
que fosse até àquela capoeira,  
a pensar num ninho fresco,  
esbarrava com o letreiro e  
retrava-se muito mais de-  
pressa do que tinha vindo.

MARIA FREDERICA

UMA LETRA A MAIS

Problema

Trata-se de dispôr as letras de  
cada uma das palavras que abaixo  
se lêem, por outra ordem, jun-  
tando-lhe a letra a mais que vai  
indicada adiante de cada uma  
dessas palavras e formar assim  
outra palavra diversa. Por exem-  
plo: Se na lista apresentada es-  
tivesse a palavra *salva* + r, dis-  
pondo essas letras dontra forma  
poderíamos transformá-la em  
*caisar*. Como vêem, é bem sim-  
ples. Digam-nos agora quais serão  
as outras doze que lhes damos  
aqui a seguir:

voar + p - ?	adro + r - ?
amar + i - ?	saco + u - ?
azar + p - ?	somar + b - ?
paro + u - ?	prosa + a - ?
rega + l - ?	meio + h - ?
rola + i - ?	libra + z - ?

Os nossos leitores não só se  
poderão entreter a decifrá-las  
como, também, a descobrir por  
sua vez muitas outras que se  
prestem a esta combinação.



vê entrar, por um buraco da  
rede, uma nojenta cobra, que  
vinha com todas as cautelas,  
para não fazer barulho.

O galo deixou-a entrar e  
percebeu logo que ela se diri-  
gia para o ninho de palha,  
onde as galinhas costumavam  
pôr os seus ovos. Então sal-  
tou-lhe em cima e, com rápi-  
das e certeiras bicadas na ca-  
beça, deixou-a logo meio tonta,  
pois a bicha não esperava tal  
ataque.

galinhas, mesmo nesse mo-  
mento tão grave.

Inesperadamente, a cobra  
levantou a cabeça do chão e,  
entre lágrimas, diz:

—«Perdoem-me que eu não  
torno mais. Vejo, agora, que  
procedi mal. Perdoem-me por  
esta vez, que eu prometo não  
voltar mais aqui.»

O galo consultou as galinhas  
e, como no fundo eram tôdas  
bichezas de bom coração, per-  
doaram à cobra. Esta, com mil

capoeira. Claro que o primeiro  
a sair foi o galo que, assim que  
viu a cobra, pegou num pau  
para lhe dar uma grande  
sova.

Logo, porém, que lhe come-  
çou a bater, ela enrolou-se  
tôda no pau e, então, o esperto  
senhor Galo foi correndo até  
um barracão que havia no  
fundo do quintal, cheio de  
aranhões, aranhões e aranhas  
e para lá o arremessou.

Todos os bicharocos, que já



(Continuado da página 1)

dia. O calor aumentava gradualmente; sufocava-se. As águas do Song-Bac-Giang, aquecidas pelos raios de sol, pareciam chumbo derretido.

Phuc-Dann costeava a margem esquerda do ribeiro, a fim de nos manter à sombra das árvores da floresta que, nesse sítio, estende as suas ramagens até à margem escarpada. Ele cantava uma melopêa estravagante, que Ti-Ba acompanhava com uma voz aguda. Quanto a Po-Po, tinha adormecido, ao lado da mãe, que estava sempre acordada.

Embalado pelo ritmo arrastado da

canção, sentia que os meus olhos começavam a fechar-se e ia, mesmo, quasi a ceder ao sono, quando um duplo e horrível grito de aflição se ouviu. Neste momento, a embarcação estava oscilando violentamente, ao mesmo tempo que um barulho de folhagem amachucada se ouvia. A primeira vista, pareceu-me que um grosso ramo acabava de se separar duma árvore e que caíra sobre a jangada. Todavia, a minha ilusão foi curta. O odor almiscarado característico de grandes répteis, penetrou nas minhas narinas. O ramo que eu vira, era uma enorme boa, grossa como a minha coxa, cuja cabeça tocava na embarcação, ficando com a cauda presa à árvore donde tinha surgido.

Phuc-Dann, sentindo imediatamente o perigo, tentou empurrar o animal com o seu croque que, porém, se partiu.

Ti-Ba com um olhar aterrorizado, fitava-me, suplicante. Parecia dizer-me: — Um branco, como você, deve, evidentemente, ter ao seu alcance meio de nos livrar dum tal adversário.

Contudo, eu só podia dispôr do meu revólver, e desconfiava bem que as balas deslizariam sobre a pele da serpente.

Já, de resto, ela tinha começado a enrolar-se na criança, que tinha acordado, sufocada pelo apêrto. O pobre pequeno soltou um gemido. A goela, violácea do monstro tocava-lhe o rosto. Da língua escapava-se um lúgubre silvo. Quem poderia salvar aquela desgraçada vítima?

Era preciso ter-se um atirador extremamente dextro, para descarregar as seis balas dum revólver nessa goela ameaçadora, e que se movia dum lado para o outro. Eu tinha nove probabilidades contra dez de errar esse alvo



móvel e de matar a criança. A alternativa era terrível. O pequeno, com o olhar quasi apagado, sufocava com o formidável apêrto.

Contudo, a-pesar-da situação trágica em que se encontrava o filho, e a-pesar-da angústia que se lhe reflectia nas feições, o barqueiro não nos podia

prestar nenhum socôrro, sem nos perder a todos, inutilmente. Para ser uma desgraça completa, não seria preciso mais que êle deixasse a jangada desviar-se; foi, pois, então, obrigado a continuar a dirigi-la com o resto do seu croque.

Eu estava ali, a deplorar a minha



impotência, quando o meu pé encontrou um objecto no chão. Baixei os

(Continua na página 8)

## A N E D O T A S

— Mãezinha, posso ir brincar aqui para o lado, com o Miguel? — perguntou o Raúllinho.

— Não; o Miguel saiu agora mesmo com os pais — respondeu a mãe. Porque não vais brincar com o Pedrinho?

— Ah! eu brinquei com êle ontem e parece-me que êle hoje ainda não está em estado de poder brincar.

● Um pequenito de seis anos, perdido na rua, aproxima-se de um policia:

— Sr. Policia, não viu por aí um papá sem o seu filhinho?

E, desatando a chorar:

— O filhinho sou eu.

● Luizinha: Todos os meus presentes do Natal, é o Menino Jesus que os traz, mãezinha?

— E' sim, meu amor.

— Então, o que é que tu e o patzinho me dão?



O meu amigo Jodelet, que voltava do Togo, na África Central, acabava de desembarcar em Marselha, quando eu o encontrei no cais da Fraternidade. Havia cerca de oito anos que nos tínhamos perdido de vista, pelo que o nosso encontro nessa bela cidade de luz e alegria, representou uma grande satisfação. Após o almoço que tomámos juntos num restaurante da Cannèbière, fomos sentar

— Tiveste tu, realmente, medo, uma vez pelo menos, no decurso das tuas expedições no interior de África? — «Sim, e o caso vale a pena ser contado, respondeu-me o meu amigo, que continuou: Uma noite, o criado do nosso acampamento veio-nos prevenir que descobrira a pista de três rinocerontes, nos lados dum pântano chamado Hollow-Spring.

rabina de dois canos, num punhado de balas explosivas, e parti. Díssoon quiz acompanhar-me, unicamente, dizia ele, para gozar do meu triunfo e também para que eu aproveitasse a sua experiência, porque os matos espessos dessas regiões ocultam grandes perigos.» «Um moleque tomou parte na nossa pequena expedição. Seria o diabo que não conse-

embaraço algum, como tu poderás compreender. Resolvi, então, voltar apenas no terceiro dia.»

«O Hollow-Spring ou o pântano no qual o rinoceronte vinha saciar a sede, de noite, estava situado a quatro quilómetros do acampamento, ao fundo dum vale extremamente selvagem.

«Quando todos estavam detidos no acampamento, desilsei docemente para fora da tenda, a fim de que os meus amigos ignorassem a minha ausência, o que os inquietaria seriamente.

«Sai do acampamento com as maiores precauções e fui, através dos bosques, sem fazer caso dos espinhos que me rasgavam o rosto e as mãos. E' assim o chaparral africano: ericado de plantas com hastes tão agudas que se parecem com anzóis ou lâminas de canivete, que fossem feitas positivamente para rasgar a pele daqueles que se arriscam a atravessá-lo. Os ingleses designam essas regiões com uma frase muito expressiva «wait a bit», o que significa «espera

(Continua na página seguinte)

## Toda uma noite contra um Rinoceronte

«Segundo a opinião do preto, devia ser um enorme macho. Era uma bela ocasião para uma verdadeira caçada.» «Tem aí uma probabilidade excelente para fazer um debut grandioso,» disse-me um companheiro de viagem, um inglês, chamado Díssoon, que passara já dez anos sob o céu ardente de África e que era pouco apaixonado pelas aventuras. «Agarrei então numa ca-

guissemos vencer o animal, bastante audacioso para ter vindo arriscar-se nas paragens do nosso acampamento.» «Partimos por uma soberba noite de luar. O moleque conduziu-nos ao próprio sítio em que devíamos ficar de atalala. Porém, a noite passou-se sem o menor alarme.»

«O meu companheiro, despetado, renunciou à expedição, o que não me causou



na extremidade dum prado e, diante do mar tão azul, saboreando um bom charuto, Jodelet regalou-me com as suas impressões de viagem.

## VALENTE FUSCO FARRUSCO

NAQUELA ninhada da galinha Riça, todos os pintainhos eram amarelos, redondinhos, pequeninos, leitosos... Só um destoava. Era um pinto preto, muito preto, com umas pernas altas, muito altas... Logo de principio, os irmãos embirram com ele.

— «Que ralva! Um pinto tão grande e tão preto, a escangalhar a harmonia da ninhada!»

E o mais atrevido lembrou-se de lhe pôr uma alcunha: — Fusco Farrusco... Fusco Farrusco era tratado com desdém, tanto pela família mais chegada — irmãos, tios e primos — como pela restante parentela. A própria galinha Riça tinha gestos de mau modo para aquêle desajeitado filho, que, com o seu corpanzil, ocupava grande espaço sob as suas asas, impedindo-a, algumas vezes, de agasalhar os outros, como devia.

Fusco Farrusco sofria com os maus tratos e desprêzos. Mas, como era bom, pagava o mal com o bem.

Caçava minhocas na terra húmida, para dar aos irmãos; e se eram grandes, partia-as ao meio, com o seu biquinho forte, para que elles se não engasgassem.

Se a galinha Riça, sua mãe, se

afastava, tomava sobre si o encargo de proteger os irmãos. Porisso, mal via aparecer a Pedrez, uma galinha velhaca e invejosa que, sempre que podia, bicava os pintainhos, desatava num berreiro:

Piu piu pi!  
Piu piu pi!  
Dona Pedrez,  
está aqui!...

E a mãe acudia logo, toda encrespada — Có ró có! Có ró có! — e obrigava a Pedrez a fugir.

Os pintainhos cresciam. Já nos seus corpinhos tenros, aparecia um par de asas e nas cabeçitas, esperetas, começava a despertar a crista.

Galinha Riça, muito orgulhosa da sua bela ninhada, todos os dias alevava a passeio, cada vez mais longe, a fim de enrijar as pernas dos seus meninos.

A bondade e a amabilidade do Fusco Farrusco, que nunca perdia a ocasião de ser útil aos seus, tinha conquistado o coração da mãe. Mas os irmãos, ingratos e inconscientes, continuavam a

desprêzá-lo. Não queriam brincar com ele, chamavam-lhe nomes e, sempre que o apanhavam distraído, davam-lhe bicadas, correndo a esconder-se debaixo das asas da mãe.

Ora, certo dia, já as cristas dos pintos se alteavam nas cabeças orgulhosas e as asas macias lhes cobriam o corpo, a galinha Riça chamou os filhos e disse-lhes:

— «Acabou a minha missão de mãe.



Vocês já podem governar-se sòzinhos. Não precisam de mim. Porisso, de hoje em diante, serão considerados frangos e passarão a dormir no poleiro, como os nossos companheiros!»

E, com um beijo tenro no bico de cada um dos filhos, despediu-se deles.

(Continua na página 7)



## TODA UMA NOITE CONTRA UM RINOCERONTE — (Continuado da página 5)

um pouco. É preciso, com efeito, ir muito devagar, se se quiser sair intacto.

«Após imensos esforços, consegui alcançar o sítio em que devia esperar o monstro.

«Ouí, súbitamente, ainda distante, um trote ruidoso. Imóvel, prestei atenção. Não me foi preciso esperar muito tempo, para ver uma massa rolando, que estava a cinquenta passos, do outro lado do pantano.

«Vizei-a logo em seguida e apertei o gatilho. Porém, como me esqueci da almofada amortecedora, que adaptara à corinha, o recuo da arma foi tal que me parecia haver ficado com o ombro deslocado.

«Como era de esperar, tinha errado o alvo e, quando a dor abrandou um pouco e mal pude dar conta da situação, vi o rinoceronte precipitar-se ao meu encontro, de cabeça baixa, com a defeza pontiaguda pronta a atravessar-me.

«A situação era trágica. Eu só tinha dois partidos a tomar: lançar-me à água, correndo o arrisco de me afogar, ou içar-me para uma árvore. Recorri a este último recurso.

«Com a agilidade dum acrobata, salttei e agarrei um forte ramo que se balançava por cima da minha cabeça, emergindo duma pequena «baobab». Em poucos segundos, atingi um sítio bastante elevado

para desafiar os ataques do animal irritado.

«O monstro tinha, pelo menos, quatro metros de comprimento por dois de altura. A circunferência do seu corpo era quase igual à sua altura. O meu adversário estava armado duma defeza formidável, de que ele se servia para escavar a terra ao redor do tronco da árvore, sobre a qual eu me refugiara!

Então, adivinhei qual era o plano do terrível animal. Compreendendo que estava fóra do seu alcance, nos ramos, ele empreendeu desarraizar o «baobab», que me arrastaria, portanto, na sua queda! Eu seria então a presa do animal furioso que dava na árvore tais pancadas que a custo, muitas vezes, consegui manter o equilíbrio.

«Com a sua defeza, com as unhas, o rinoceronte cavava sempre. Encontrei-me, realmente, metido numa aventura que, se interessa a quem ler a narração, oferece menos atractivo quando se é o herói involuntário!

«Não tinha a carabina comigo, porque me ficara no chão. Estava, pois, sem defeza. A minha angústia aumentava de minuto a minuto, porque quanto mais o animal furioso cavava à roda da árvore, mais eu a sentia vacilar pela base.

«Após mais de duas horas de infatigáveis esforços, o meu

terrível inimigo pusera a nu todas as grossas raízes da «baobab» que, repito, era uma árvore nova ainda, não oferecendo, portanto, a formidável resistência daquele gigante das florestas. E o animal, em fúria, não parecia disposto a abandonar a sua vingança, que lhe parecia certa.

«Súbitamente, ouviu-se um estalido que me fez frio nas costas. A árvore inclinava-se. Estava perdido! Ia ser precipitado em terra e, aí, pisado, golpeado pelo hediondo gigante que espreitava a minha queda.

«A lua iluminava tudo a minha roda. Enquanto eu sentia aproximar-se a minha última hora e a árvore, sob um derradeiro esforço do rinoceronte, sossobrava realmente, vi, pendurado duma outra árvore vizinha, mais alta que o meu «baobab», um forte cipó, grosso como um punho. Um clarão de alegria devia ter brilhado nos meus olhos. Enquanto o meu apoio desabava desta vez, com um grande estrepito de ramos quebrados, eu tinha apanhado, com um voo, esse cipó. Agarrei-me a ele como a uma corda de salvação e trepei à força dos meus braços, encontrando-me, assim, suspenso no espaço, enquanto o «baobab» ficava, agora, quebrado a meus pés.

«Sempre trepando por esse cipó, colocado aí pela Providência, consegui instalar-me

na árvore colosso que o suportava. Enxuguei a cara, toda encharcada de suor, e respirei. Desta vez, enfim, estava salvo! A árvore sobre a qual eu me encontrava instalado, tinha muitos metros de circunferência e nenhum animal da criação a poderia abater!

«Vi o rinoceronte, despeitado, dar a volta ao meu novo refúgio, depois afastar-se, tendo, desta vez, constatado a sua impotência. Ia, contudo, aproximar-se do pantano, a alguns metros do meu observatório. Fiquei assim até o amanhecer, quando, de repente, ouvi uma detonação, partindo do meio do arvoredo, muito perto da árvore que me estava servindo de poleiro. Chamei em meu socorro e vi, em seguida, com uma enorme alegria, Didsoon, que me olhava e se ria as gargalhadas.

«Cheguei a tempo de o vingar do transe que sofreu. O seu inimigo está morto! A bala explosiva despedaçou-lhe a cabeça e caiu fulminado. O meu amigo pode descer! Mas que a sua levandade lhe ensine que, neste país, é uma louca imprudência querer correr-se só à aventura.»

E o meu amigo Jodelet afirmou que, depois desta dramática lição, ele se absteve de ir de novo, só, à caça, nas misteriosas e selvagens solidões do centro de África.

Trad. de A. F.

## ILUSÃO ★ POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

À janela dum comboio  
—«Pouca terra... pouca terra...»  
vai um pequeno saloio  
que nunca andou de comboio,

—«Pouca terra... pouca terra...»  
Vendo a andar o trigo, o joio,  
árvores, casas, a serra...

—«Pouca terra... pouca terra...»  
o pequenino saloio  
de repente grita, berra,  
pondo toda a gente a rir:  
—«O Mãe, parou o comboio  
e a terra pôs-se a fugir!...»

—«Não, meu filho; é o comboio  
que vai a andar!...» — diz a Mãe  
ao pequenino saloio  
o qual crê

unicamente  
no que vê,  
como outrora São Tomé  
que também  
sômente cria  
no que via  
e como muita outra gente.

Amiguinhos que me lêdes,  
conservai sempre na Vida  
crença e fé, acreditando  
não apenas no que vêdes;  
que a Verdade, quando em quando,  
encontrareis escondida  
sob uma ilusória imagem,  
tal como aquele comboio  
e como aquela paisagem  
ante a visão do saloio.



# A MARCHA NA FLORESTA

## LABIRINTO



Dois excursionistas, desejando atravessar uma floresta, de Oeste a Este, a-fim-de acamparem numa planície situada a Este, partiram do ponto O. Eles seguem, durante algum tempo, o seu caminho, até que chegam a uma clareira onde desembocam muitos atalhos.

Qual devem tomar, de preferência, para chegarem a E, sem obstáculos?

## Valente Fusco Farrusco

(Continuado da página 5)

Os frangos afastaram-se em grupo, sem esperarem o Fusco Farrusco que, muito comovido, beijava sua mãe.

E num recanto da capoeira, começaram a conspirar contra o irmão.

Disse um:

—«Irmãos e camaradas: Somos independentes!... A ninguém temos que dar conta dos nossos actos. Vamos, portanto, reunir-nos e dar uma ensinadela a esse pateta, petulante e horrível Fusco Farrusco, de ares protectores, que complica com os nossos nervos.»

—«Mas éle é tão grande e tão forte!...»

—«E' grande, sim. Mas os galos não se medem aos palmos! Quanto a fortaleza, não deve ser tanta como se apregoa. Pois se nem crista éle tem!»

Efectivamente, Fusco Farrusco, negro e alentado, tinha na cabeça uma roseta vermelha, que mais parecia uma linda flor do que uma crista.

—«E nós também entramos na luta?»

—pregunta uma franganita arrebitada.

—«Não. As meninas são espectadoras!»

—«Mas — disse o irmão mais pequeno — assim seremos poucos!»

—«Essa agora! Seis contra um, não é bastante? Vamos! Acabemos a conversa e preparemo-nos para a luta!»

E, tomando o comando, ordenou:

—«Afiar bicos!»

Todos os frangos obedeceram. E o comandante gritou:

—«Preparar! Avançar! Bicar...»

Num instante caíram sobre Fusco Farrusco, as bicadas.

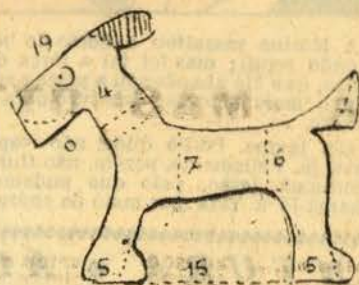
Este, que não esperava o ataque, recuou, surpreendido. Mas logo compreendeu do que se tratava e resolveu defender-se. Embora a superioridade numérica do inimigo fosse grande, Fusco Farrusco não desfalecia.

# Um lindo "Pêlo de arame", para os mais pequeninos bricarem, feito pela irmãzinha mais velha

**Aviamentos:** — 0,50 de feltro rosa, por 0,40 de largura. Linha rosa para a máquina. Um pouco de pano preto. Uma tira de tela encerada, azul, e alguma crina, algodão ou lã.

## Confeccção:

— Talhar dois lados, deixando, em toda a volta, uma margem para as costuras. Cortar, em seguida, uma tira de 1,75 de comprimento, por 0,05 de largura.



Bordar os olhos e o focinho a preto.

Alinhavar a tira em toda a volta do primeiro lado, do avesso. Voltar do direito os bocados que serão cortados em tirinhas, assim como as orelhas. Fechar estes bocados, do avesso com uma serzadura. Juntar o segundo lado e coser os dois lados á máquina, deixando três aberturas: ao longo das orelhas, na extremidade de cada pata e na parte de baixo da barriga, para se encher.

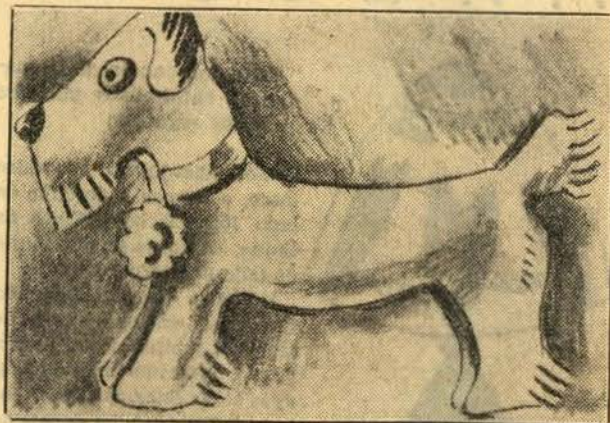
Voltar do direito, colocando um cartãozinho na base de cada pata e uma pequenina camada de algodão nas orelhas. Encher o cão, pela barriga, com crina, lã, ou algodão e coser, com perfeição, todas as costuras.

Para a coleira, cortar uma tira de tela encerada azul e colocar-lhe á frente, bem cosido, um berloque.

Em seguida, cortar em tirinhas, á semelhança duma franja, os lados do focinho, das patas e de rabo.

Com o pano preto põe-se uma tira na parte de cima do focinho e na parte superior das orelhas.

E eis um cão «Pêlo de arame», em feltro, muito bonito e económico, que servirá de entretenimento aos nossos amiguinhos ou de elemento decorativo, sobre qualquer mesa da vossa salinha de estudo ou sobre o vosso tocador.



Bicada para aqui, bicada para acolá, dentro em pouco o adversário começava a desanimar, a cansar. E a certa altura foi a debandada. Cada qual tratou de fugir, sem se preocupar com os companheiros. E, então, Fusco Farrusco cantou o seu primeiro e vitorioso:—«Qui qui ri qui!»

Nunca mais os maus irmãos se meteram com Fusco Farrusco. Passavam a temê-lo e a respeitá-lo, embora éle fingisse ter esquecido o seu traçoelro

ataque, mostrando-se amavel e generoso como dantes.

E quando, galo feito, Fusco Farrusco apresentou a sua candidatura para governar a familia galinácia, foi eleito, por unanimidade, rei da capoeira.

E que — não o esqueçam, amiguinhos — a valentia, aliada á bondade e á generosidade, impõe-se sempre, quer entre os bichos, quer entre os homens.

LEONOR DE CAMPOS



(Continuado da página 4)

olhos; era um «coupe-coupe», grande lâmina muito usada pelos anamitas e que estava encabado entre duas lâminas de madeira. Rápidamente, tirei esta arma e, largando o revólver, feri, com um vigor aumentado pela emoção, os anéis que cercavam a criança.

A lâmina ressaltou o dorso do hediondo reptil; mas foi tal a força do golpe, que ele abandonou a presa e subiu o mais depressa possível para a árvore.

Era tempo. Po-Po quasi não respirava já. Felizmente, porém, não tinha nenhuma lesão, pelo que pudemos chamá-lo à vida por meio de enérgi-

cas fricções. Uma hora depois chegávamos a Thét-Khê.

Uma vez desembarcados, os pais do garoto queimaram em honra do Buda e por mim, em sinal de reconhecimento, numerosos vasos de incenso.

Trad. de  
AMÉLIA FERREIRA

## SECÇÃO DE PINTURA e ARTE APLICADA MAQUEADO CHINÊS

Estes dois candieiros de maqueado chinês, são pintados da forma seguinte:

«Nos abat-jours» de vidro fôsko, coloca-se o desenho do lado fôsko e, com tinta da China, contorna-se o desenho do lado do vidro brilhante.

Molha-se um pincel de pêlo fino, por exemplo pêlo de Maria, e molha-se em Verniz Gordo, pintando as flores, e, após sêcas estas, as fôlhas e os outros desenhos. Só depois de um lado completamente sêco, se vai pintando as outras flores. Não se pintam os «abat-jours» ao alto, mas sim deitando-os sôbre uma mēsa para que a tinta não escorra pelo

objecto. O Verniz Gordo é uma tinta transparente que deixa passar a claridade, sem escurecer a sala, quando o candieiro estiver acêso.

Este verniz há em várias côres, mas para estes trabalhos empregam-se côr de rosa e verde para a Fig. 1. e para a Fig. 2 empregam-se vermelho, amarelo e azul, sendo as 2 flores primeiras em amarelo; as outras quatro em encarnado e o restante desenho em azul. A base do candieiro obedece às côres empregadas no «abat-jour».

Se a tinta estiver forte, delta-se um pouco de «Dilutivo» tornando-as mais claras e transparentes.



## CURIOSIDADES

### O MAIOR APARELHO DE TELEFONIA

É um amador, de Chicago, que bate o record de possuir «o maior aparelho receptor de telefonia, do mundo».

Esse aparelho não tem menos de

40 lâmpadas, 5 auto faiantes e um peso total de 350 quilos.

Os cisnes foram sempre acusados de destruidores de peixes, nos lagos onde vivem. Está, porém, demons-

trado que o cisne não é carnívoro, e portanto, mesmo nos lagos onde se faz piscicultura, o cisne pode embelezá-los com a sua inegalável elegância e majestade, sem prejuízo para os peixes.